



# EDITORIAL: UMA VELA PARA A NAVEGAÇÃO

DOI  
10.11606/issn.2525-3123.  
gis.2023.213387

Vol. 8, n. 1 (2023)

## **SYLVIA CAIUBY NOVAES<sup>1</sup>**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7415-2010>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –  
fla@usp.br

## **ANDREA BARBOSA**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0399-8171>  
Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil, 07252-  
312 – contato@visurb-unifesp.com.br

## **EDGAR TEODORO DA CUNHA**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9749-6126>  
Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil, 14800-  
901 – apf.fclar@unesp.br

## **ÉERICA GIESBRECHT**

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-4134-9543>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –  
fla@usp.br

## **FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA<sup>1</sup>**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0064-5995>  
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 14040-901  
– psicologia@ffclrp.usp.br

## **JOHN COWART DAWSEY<sup>1</sup>**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-1427-7804>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –  
fla@usp.br

## **PAULA MORGADO DIAS LOPES**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9117-4679>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –  
fla@usp.br

## **ROSE SATIKO G. HIKIJI<sup>1</sup>**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-1427-7804>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –  
fla@usp.br

## **VI GRUNVALD<sup>2</sup>**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8299-6830>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Bra-  
sil, 91509-900 – deptosifch@ufrgs.br

1. Bolsista de produtividade do CNPq.

2. Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

Em um espetáculo criado em meio à pandemia, Hip Hop Blues, o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos coloca em cena uma chuva que não para, molha o palco, enche baldes, e, em sua continuidade extraordinária, assombra o cotidiano. “Faz dois anos que não para de chover”, dizem os personagens, cobertos com capas de chuva. Como nota Amilton de Azevedo<sup>4</sup>, “A água torna-se metáfora de muito. Do que está há muito subterrâneo, do que chega de forma avassaladora, do que vem para lavar, do que vem para afogar”.

As águas inundam esta edição da GIS. Se a tempestade pandêmica arrefeceu, suas águas ainda transbordam nas experiências aqui relatadas. Mais que metáfora, são presença que cria e molda, destrói e transforma.

Na sessão G.I.S., o ensaio “Omi, erù e popò” traz as águas em seu título, em canção cuja tradução seria “Que a água que trago comigo possa se misturar com a sua”. A frase abre a etnografia de uma festa de Yemoja, deusa yorùbá das águas, no ritual etnografado pelo antropólogo e mestre de cerimônias José Pedro da Silva Neto. A cabaça de Yemoja, que carrega suas águas, é para o autor também um recipiente que permite a mistura de epistemologias: das tradições de matrizes africanas à antropologia da música e do audiovisual. A cabaça prenhe de água ainda produz sons, “os mesmos que sentimos e ouvimos no ventre de nossa mãe”.

Seca e vestida com contas, a cabaça vira instrumento do Maracatu, que nas ruas de São Paulo, entoia saberes corporificados em uma política artista. Como, por exemplo, o gesto da baiana, que leva o agbê à boca, “como se bebesse do instrumento e nutrisse o corpo vigoroso”, observado por Kelwin Marques Garcia dos Santos, autor do artigo “Batucando-cantando-dançando: saberes corporificados e contestação política no maracatu em São Paulo” e da foto que estampa a capa este volume. O recipiente das águas de Yemoja, nas mãos das integrantes do Maracatu, é vestido de outros símbolos – como o machado duplo (oxé) de Xangô – com o intuito de “cultivar e cultivar uma memória construída [...] por motrizes afro-brasileiras”.

As águas retornam com seu potencial destrutivo em “Atafona: registro de um mundo em ruínas”, de Carlos Abraão Moura Valpassos e Juliana Blasi Cunha. Atafona é uma praia do Rio de Janeiro onde deságua o rio Paraíba do Sul, lugar de veraneio da elite regional que na metade do século passado viu a transformação de sua paisagem em ruínas, em um encontro destruidor do mar com as edificações humanas. É a paisagem como resultado do encontro entre humanos e não humanos o que revelam as

---

4. AZEVEDO, Amilton. “lava leva alaga eleva inunda afoga afunda” (12/04/2022). Website <https://ruinaacesa.com.br/hip-hop-blues/>, consultado em 16 de junho de 2023.

“imagens do Antropoceno” publicadas neste artigo. Em vez de ser bebida pela baiana, a água aqui deglute o que o homem construiu, num exercício de vingança da natureza, que se revela nas ruínas. Em vez de cultivo e culto, o avanço das águas opera a destruição de lugares de memórias, como mostram os autores.

Um outro rio, o baixo Tapajós, é, de acordo com Liendria Marla Malcher Silva, uma pessoa-personagem no *Cinema de beiras*, aqui analisado por meio do documentário “Memórias de Velho”, de Carlos Bandeira Jr. Manso, diferente do seu vizinho “novo e bravo”, o Amazonas, o Tapajós corre devagar. Das beiras dos rios, Liendria empresta as qualidades que atribui aos filmes destas localidades: feitos nos limiares, nas fronteiras, nas margens, nas bordas – dos rios, mas também da indústria cinematográfica – são também permeáveis, férteis. Em um ensaio sobre o primeiro episódio da série “Öwawe Hoibaré/Rio das Mortes Vivo”, publicado como parte do dossiê que integra este volume na sessão G.I.S, Ana Lúcia Ferraz nos apresenta uma outra qualidade dos rios; nas palavras de Teseretomodzatse Moritu, um pescador: “o rio é como a mãe que alimenta e amamenta os filhos e sobrinhos”.

“Tal como uma vela içada para captar os ventos em mar aberto, o conceito de performance serve para navegar”, nos ensinam os organizadores do dossiê “Mundos em Performance: Napedra 20 anos”. Nesse mundo de “Pedras em Movimento” (ensaio de Evelyn Schuller Zea), de cidades em que multiespécies se encontram em monumentos e fachadas (ensaio de Paride Bolletin), e de águas doces e salgadas que correm, jorram, alimentam e destroem, um meio para navegar, aberto à força dos ventos, é mais que bem vindo.

No oitavo volume da GIS, uma espécie de arquipélago é oferecido ao navegante que se aventura na barca-performance. No dossiê organizado por John C. Dawsey, Pâmilla Vilas Boas Costa Ribeiro e André-Kees de Moraes Schouten somos convidados a conhecer a trajetória do Napedra – Núcleo de Antropologia, Performance e Drama e o desenvolvimento dos estudos em antropologia da performance no Brasil. Nos artigos, rituais de cura são observados a partir de sua dimensão performativa (Esther Jean Langdon), Victor Turner, autor fundante da área, é objeto de reflexão (Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti) e o ativismo é analisado como linguagem (Paulo Raposo). Podemos visitar os processos de criação artística durante a pandemia do grupo Teatro do Instante (por Rita de Almeida Castro, Alice Stefânia Curi e Giselle Rodrigues), a pomba gira Cacarucaia (Vânia Cardoso) e as ruínas da indústria do lazer (Giovanni Cirino). Somos convidados a ver o que cantam os Yanomami (Luiz Davi Vieira Gonçalves e Mboe’esara Esãĩã Tremembé) e a superar as limitações do termo “espetáculo” (Lúcio Agra).



Seis ensaios enviados para o dossiê integram a seção GIS (Luciana Lyra, Cristiane Almeida dos Santos, Fernanda de Carvalho e Alissan Silva somam-se aos já mencionados de Evelyn e Ana Lúcia). E uma tradução de John Dawsey para o artigo “A memória reparadora: endereçando amnésia, performando trauma”, de Diana Taylor completa o dossiê, na seção T.E.R.

Este volume da GIS, além dos artigos inicialmente mencionados, traz também uma discussão sobre as imagens de Cristo como controvérsia pública (de Evandro Bonfim e João Gustavo Melo de Souza), dois textos sobre identidades étnicas relacionadas às práticas musicais (o Festival Tafona da Canção Nativa, de Pedro Silveira e Olavo Marques e música como plataforma de diálogo entre imigrantes de japoneses no Brasil, de Flávio Rodrigues), um estudo sobre desenhos Mebengokré-xikrin no acervo da antropóloga Lux Vidal no LISA-USP (por Mariana Baumgaertner) e um ensaio sobre o distanciamento social a partir do gesto fotográfico no Rio de Janeiro (Sidarta Lanrarini). Uma reflexão sobre a música no filme etnográfico *O som dos pássaros*, de Kelen Pessuto (Marianna Sanfelicio) é publicada na sessão T.E.R. deste volume. E achamos na rede um registro da posse do presidente Lula, feito pelo fotógrafo e antropólogo Rafael Hupsel para “guardar” para si esse momento de festa na política.

Este editorial, que opta pela deriva nas águas conturbadas de alguns dos textos e imagens deste volume, é um convite à navegação, sem muita direção e norte (sem o mapa de todas as ilhas que encontraremos no percurso), com a única certeza de que viver não é mesmo preciso.

**Sylvia Caiuby Novaes** é antropóloga e Professora Titular no Departamento de Antropologia, USP. Coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) e do Grupo de Antropologia Visual (GRAVI), suas pesquisas recentes centram-se na interface entre fotografias e trajetórias numa perspectiva antropológica. E-mail: scaiuby@usp.br

**Andrea Barbosa** é antropóloga, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, coordena o Visurb – Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas e desenvolve pesquisas sobre memória, imagem e cidade. Foi Visiting Scholar junto a SAME – School of Anthropology & Museum Ethnography, Oxford University em 2015. E-mail: andrea.barbosa@unifesp.br

**Edgar Teodoro da Cunha** é professor do Departamento de Ciências Sociais da UNESP (Campus Araraquara). Coordenador do NAIP - Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance. Foi Visiting Scholar na University of Oxford (2015). E-mail: edgarteodorocunha@gmail.com

**Érica Giesbrecht** é etnomusicóloga e, desde 2007, vem realizando pesquisas sobre música e dança, também explorando o potencial da etnografia visual como meio de conhecimento e expressão. Foi professora visitante do Instituto Vilallobos da Unirio (2018-19) e Chair in Music Visiting Professor Fulbright no Departamento de Folclore e Etnomusicologia da Universidade de Indiana-Bloomington (2019). E-mail: egiesbrecht@gmail.com

**Francirosy Campos Barbosa** é antropóloga, Livre Docente no Departamento de Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, coordenadora do GRACIAS - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes, Membro do GRAVI – Grupo de Antropologia Visual, NAPEDRA – Núcleo de Antropologia, Performance e Drama, e CERNE – Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras. Foi Visiting Scholar na Oxford University em 2016. E-mail: francirosy@gmail.com

**John Cowart Dawsey** é professor de Antropologia na Universidade de São Paulo (USP), desde 1991. Professor Titular, 2007. Livre-Docência, 1999. Ph.D. em Antropologia, 1989, e Mestre em Teologia, 1977, pela Emory University. Bacharel em História, 1973, pela Florida Southern. Visiting Scholar na New York University (NYU), 2019. Coordenador do Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra) desde a sua fundação em 2001. E-mail: johndaws@usp.br

**Paula Morgado Dias Lopes** é Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em antropologia visual na Université Laval. Trabalhou no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia desde a sua criação por 30 anos e é membro do Grupo de Antropologia Visual. Suas pesquisas abordam como os povos indígenas se apropriam do cinema e da internet, além de trabalhos no campo da arquivologia. E-mail: paulamdl@gmail.com

**Rose Satiko G. Hikiji** é professora associada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Coordenadora do PAM - Pesquisas em Antropologia Musical, vice-coordenadora do GRAVI e membro do NAPEDRA. Suas pesquisas e filmes etnográficos abordam a música e arte de moradores da periferia paulistana e de africanos recém-chegados a São Paulo. E-mail: satiko@usp.br

**Vi Grunvald** é professora de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual-UFRGS) e do Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais (GRUA-UFRJ). Com formação em cinema, realiza experimentações com a imaginação etnográfica e trabalha com arte, imagem, performance e marcadores sociais da diferença. E-mail: vgrunvald@gmail.com

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.